

Casa—ateliê

A black and white photograph of a modern courtyard. In the background, a building with large glass windows and a flat roof is visible. The courtyard is filled with various plants, including tall grasses in large pots and a dense wall of foliage on the right. A curved, low wooden bench sits in the middle of the courtyard. A white, wavy line, possibly a hose or a piece of art, lies on the ground. The overall atmosphere is serene and artistic.

Tomie Ohtake

Fotografias

Cristiano Mascaro

Mauro Restiffe

Acervo Ohtake





Uma casa que recebe o corpo com a penumbra. Um lugar de viver, trabalhar, conviver e repousar. Um espaço constituído ao redor de um jardim iluminado. Uma casa construída no bairro do Campo Belo, deslocada dos pontos de concentração de museus e instituições culturais paulistanas. Um abrigo feito para Tomie Ohtake, hoje repositório de suas memórias.

Zelamos pelo futuro da Casa-ateliê de Tomie Ohtake ao debater sua vocação. Consideramos que se trata de um polivalente patrimônio da cidade de São Paulo: obra significativa dos anos de formação do arquiteto Ruy Ohtake, lugar de atuação cotidiana do gestor cultural Ricardo Ohtake e, especialmente, morada do labor e do cotidiano da artista Tomie Ohtake de 1970 a 2015.

A melhor forma de preservar esse endereço é habitá-lo. Habitá-lo com cultura, arte, encontro e memória em movimento. Para tanto, é importante compreender que se trata de uma arquitetura desenhada para combinar contemplação silenciosa com vitalidade criativa, capaz de abrigar visitas, conversas, exposições, oficinas e pesquisas – de preferência, com caráter diverso e transdisciplinar. Assim, o patrimônio histórico se perceberá mais e mais como logradouro de interesse público. O legado Ohtake, afinal, se faz de inventividade artística e de partilha coletiva.

Gabriela Moulin e Paulo Miyada
Instituto Tomie Ohtake





**Para criar
e viver**

Sabrina Fontenele

No bairro do Campo Belo, zona sul de São Paulo, encontra-se a casa onde morou a artista Tomie Ohtake por quase cinco décadas. Projetado pelo arquiteto Ruy Ohtake, seu primogênito, em 1966, o edifício foi pensado desde o princípio como espaço de experimentação da artista e como lugar de acolhimento para sua produção, seus estudos, seus interesses, assim como para as obras de artistas com quem ela dialogava. A casa configurou o universo criativo de Tomie na medida em que abrigou seu ateliê e seu espaço para guardar livros e objetos.

A ocupação da casa evidencia a biografia de sua moradora, assim como acontece na Casa Azul de Frida Kahlo, na Casa-estúdio de Georgia O'Keeffe, na Casa de Vidro de Lina Bo Bardi, na Casa de Cora Coralina e na morada de tantas outras mulheres com trajetórias de vida marcantes expressas em seus cotidianos domésticos, públicos e profissionais. As marcas de tinta registradas pelo piso do ateliê, as maquetes de estudo em diversas escalas e tamanhos, as mapotecas recheadas de pastas com registros de seus estudos indicam aspectos dos processos de trabalho de Tomie, enquanto as plantas cultivadas no jardim e as fotografias de encontros revelam alguns dos seus hábitos domésticos.

Os croquis de Ruy demonstram desde o princípio a necessidade de um ateliê com bancadas de trabalho, iluminação e ventilação constante e pé-direito alto para possibilitar os gestos corporais amplos que configuravam suas

obras de grande porte. O desenho organiza um espaço de criação, experimentação, tentativas e descobertas com os mais diversos materiais.

Ruy Ohtake esclarece em entrevista a Paola Menaldo: "Tomie sempre teve o ateliê como parte da casa. Acho que é uma grande vantagem para artistas, escultores, escritores e músicos trabalhar em casa. Espaços bons para criar e viver". O largo sofá de concreto e a ausência de portas de isolamento no ateliê demonstram que o espaço de trabalho individual também é entendido como de trocas e diálogos.

A família Ohtake mudou para o edifício recém-construído em 1970. Antes disso, morou em uma casa na Mooca. Ali, Tomie começou a pintar aos 39 anos, inicialmente em um espaço adaptado da casa que muitas vezes não permitia que ela tivesse distanciamento suficiente para analisar telas maiores. Pessoas próximas da artista relatam que ela costumava sair da casa para olhar para a sala pela janela da fachada e, assim, conseguir ter o distanciamento suficiente para analisar sua produção. Na nova residência, o ateliê é construído de maneira cuidadosa e adequada às diferentes escalas de seu trabalho.

A Casa-ateliê Tomie Ohtake foi construída em três etapas, sendo ampliada à medida que terrenos vizinhos foram comprados. Em sua primeira fase (1970–1984), as salas de jantar e de estar são amplas, planejadas como ambientes de socialização intensa da família. Os espaços de convivência são protagonistas da

organização espacial, o que Ruy chama de “praça coberta”, entendidos como lugares de encontros e debate com boa parte da cena cultural e intelectual de São Paulo durante décadas.

A residência implantou-se originalmente em um lote comprido conectado ao miolo da quadra, o que delineava um terreno em formato de “L”. As paredes executadas em blocos de concreto são ocupadas por estantes preenchidas com livros, cerâmicas, telas – são rastros da vida de seus moradores.

O setor de serviço – quarto, lavanderia e cozinha – ocupa um volume amarelo que se destaca no acesso à casa. Na configuração inicial, a sala de jantar era separada desse núcleo por uma parede de concreto azul que não encosta na laje, enquanto uma mesa foi implantada abaixo de uma claraboia que garante iluminação natural no espaço de refeição. Essa área está diretamente vinculada à sala de estar, que se configura próxima à lareira e se banha da luz do jardim.

As casas unifamiliares paulistanas foram um laboratório de experimentações das domesticidades modernas, nos seus aspectos técnicos, da sociabilidade familiar e dos papéis de gênero. O historiador inglês Tim Benton, em seu livro *The Modernist Home*, questionou se seria possível ter um lar moderno numa casa moderna (aproveitando-se do trocadilho entre *home*/lar e *house*/casa, em inglês). Benton apresenta, ainda, a hipótese de que as casas desenhadas

pelos arquitetos do movimento moderno não são construídas para qualquer um: “o modernismo foi concebido à imagem de um tipo muito particular de pessoa”.² Também arquitetos como Paulo Mendes da Rocha, Abrahão Sanovicz e Julio Katinsky arriscaram projetar suas próprias casas. Nenhuma dessas construções ousou propor dormitórios tão enxutos e monásticos quanto os encontrados na Casa-ateliê de Tomie. A disposição dos dormitórios sugere que quaisquer outras atividades, que não o dormir, devem ser realizadas fora dos quartos – o que enfatiza a integração entre os espaços e a aproximação entre usuários.

A relação entre luzes e cores nos cômodos é marcante e sugere caminhos e descobertas. As paredes de concreto, assim como os vidros da esquadria de acesso, são pintadas com as cores primárias: amarelo, vermelho e azul. O pé-direito baixo desse ambiente destaca o ritmo marcado das vigas transversais, esbeltas e altas, espaçadas em vãos de apenas 120 centímetros. A entrada da casa é inicialmente mais escura, mas, à medida que se adentra, com os passos ritmados pela modulação da construção e a percepção aguçada pelas cores e pela penumbra, a luz do jardim faz-se perceptível e conduz o deslocamento pela casa, estimulando o *promenade architecturale*, ou passeio arquitetônico, conforme os corpos se deslocam e as sensações apreendidas variam. Essa luz adentra o ateliê da artista, localizado no fundo do terreno.



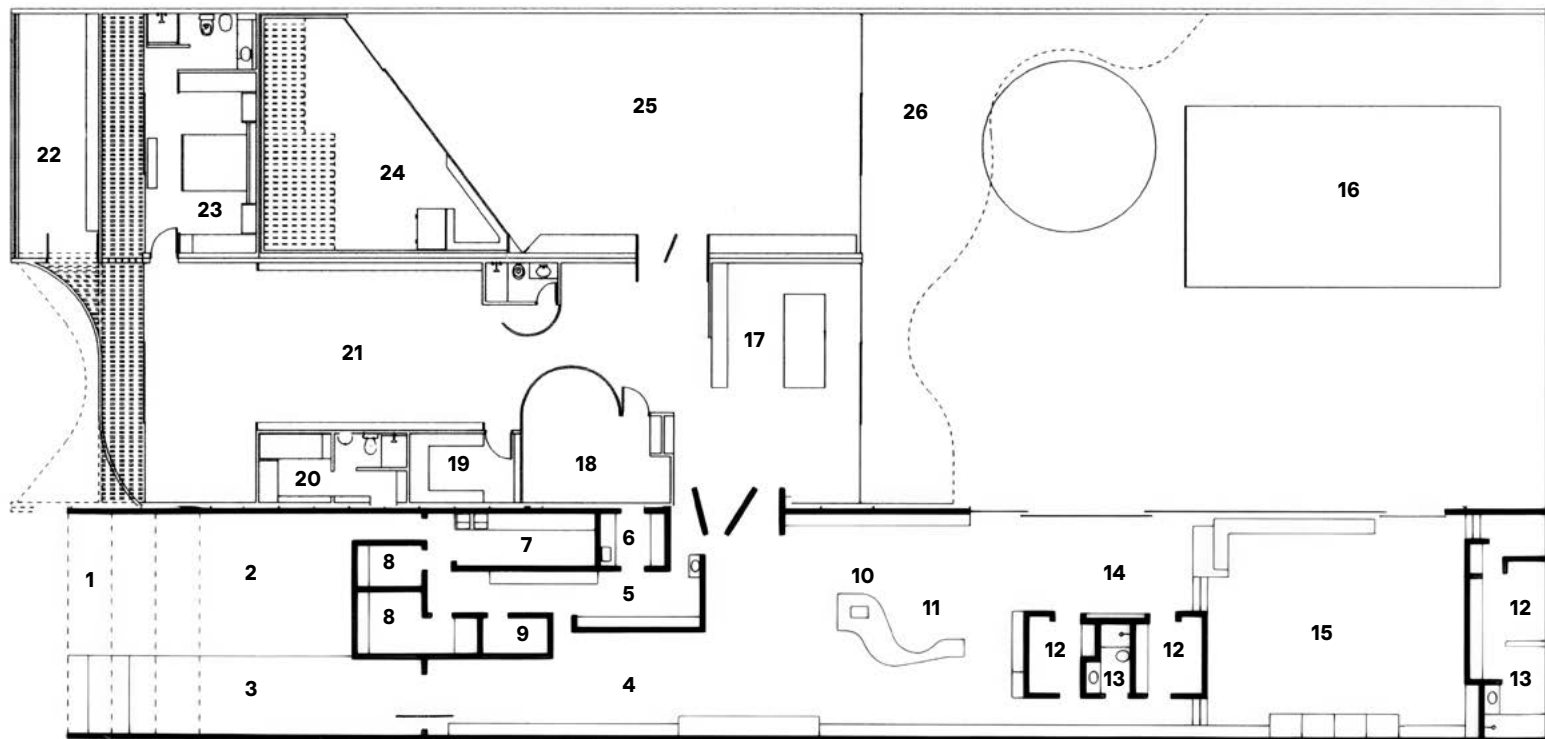
Na década seguinte, o terreno vizinho foi comprado pela família, o que permitiu a expansão da casa: a cozinha foi aumentada, a sala de jantar deslocou-se para um espaço mais amplo e voltado para o jardim, enquanto um escritório e um quarto extra foram construídos para melhor acomodar o cotidiano de Ricardo Ohtake, o filho mais novo de Tomie, que passava parte da semana em sua companhia. A terceira etapa foi marcada pela construção de um novo ateliê, em 1994. Ruy Ohtake trabalhou com sinais de continuidade e ruptura em relação a seu projeto original. Se o piso de concreto preto tem o mesmo tratamento por toda casa e as aberturas com superfícies de concreto indicam caminhos e passagens de um setor para outro, a cobertura metálica do novo ateliê marca a busca constante de Ruy por uma linguagem de seu tempo. O concreto – no mobiliário, nos blocos das paredes, na laje da cobertura – passou a conviver com uma claraboia de aço e vidro que garante uma luz intensa neste espaço de trabalho.

O mobiliário em concreto – executado em 60 dias e com uma espessura tão fina que fugia às normas técnicas da época – está intimamente relacionado com a organização espacial da casa. Mesas de jantar e de trabalho, bancadas, estantes e aparador são desenhados com elegância para ocupar os cômodos e são preenchidos por objetos que configuram a galeria que se desenvolve por toda a casa.

A Casa-ateliê Tomie Ohtake é uma obra fundamental na história da arquitetura brasileira. Representa formas de morar modernas, ambientes de trabalho de uma artista marcante e um espaço de encontros e debates da cena cultural brasileira e internacional. O edifício recebeu o Prêmio IAB de 1971 como melhor projeto e foi reconhecido como patrimônio da cidade de São Paulo pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), em 2013.

- 1 Entrevista por e-mail a Paola Menaldo em 2012. Documento encontrado no acervo de Ohtake Arquitetura.
- 2 BENTON, Tim. *The Modernist Home*. Londres: V & A Publishing, 2006. p. 16.



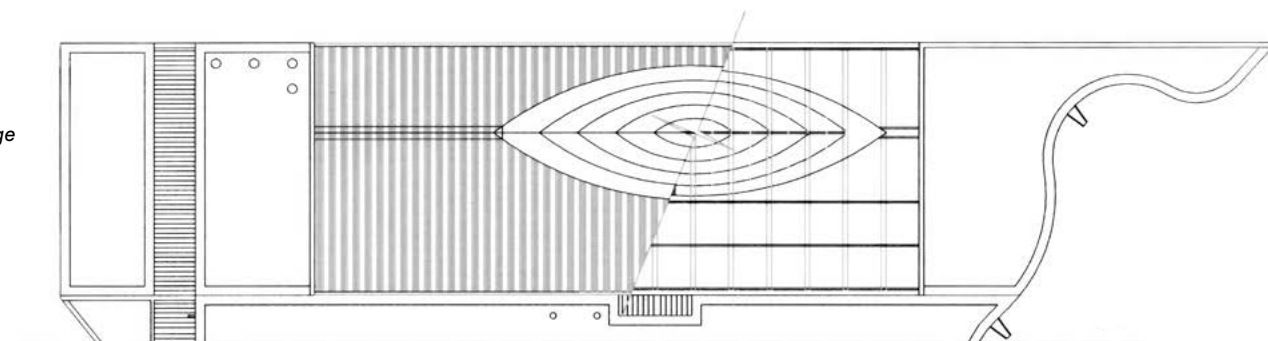


PLANTA PLAN

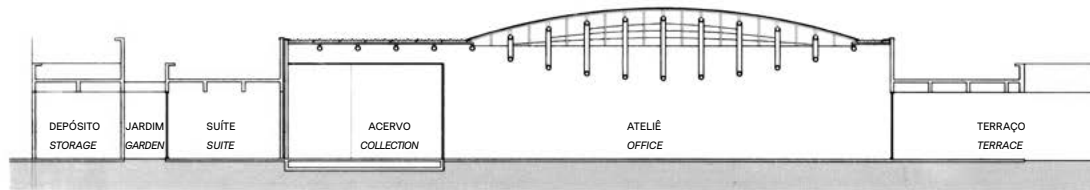


1ª ETAPA 1ST STAGE: 1966

- 1 Rampa *Ramp*
- 2 Abrigo de automóveis *Garage*
- 3 Acesso *Access*
- 4 Vestíbulo *Vestibule*
- 5 Copa *Pantry*
- 6 Cozinha *Kitchen*
- 7 Lavanderia *Laundry*
- 8 Dormitório de funcionárias
Employee bedroom
- 9 Banheiro *Bathroom*
- 10 Lareira *Fireplace*
- 11 Sala de estar *Living room*
- 12 Dormitórios *Bedrooms*
- 13 Banheiro *Bathroom*
- 14 Escritório *Office*
- 15 Ateliê *Studio*
- 16 Piscina *Pool*



PLANTA DE COBERTURA *ROOF PLAN*



CORTE AA *SECTION AA*

2ª ETAPA 2ND STAGE: 1982

- 17 Sala de Jantar *Dining room*
- 18 Cozinha ampliada
Expanded kitchen
- 19 Depósito *Storage*
- 20 Dormitório *Bedroom*
- 21 Biblioteca *Library*

3ª ETAPA 3RD STAGE: 1996

- 22 Depósito *Storage*
- 23 Suíte *Suite*
- 24 Acervo *Collection*
- 25 Ateliê *Studio*
- 26 Terraço *Terrace*







**Entre jantares
e jardins**

A Casa-ateliê de Tomie Ohtake é, nas palavras do crítico de arte e professor Miguel Chaia, um lugar de *mistério* e *acolhimento*. Planejada, em 1966, com o propósito de ser morada e de garantir um ambiente de trabalho para Tomie, a Casa-ateliê torna-se referência para a história da arquitetura e da arte. Não se pode descrever o desenho de Ruy Ohtake sem destacar as escolhas de distribuição de espaços privados e de convivência, o uso escultural do concreto e o pé-direito baixo e ritmado. Impossível, também, falar sobre a casa sem contar sobre aqueles que nela viveram e a frequentaram.¹

Planejada para os três membros da família, a casa começou a ser habitada em 1970: a artista viveu neste espaço desde os 57 anos de idade até sua morte; Ruy permaneceu ali por três anos; e Ricardo viveu nela por aproximadamente 47 anos. Ao visitar a casa pela primeira vez, destaca-se a impressão deixada pelos dormitórios destinados aos irmãos. Estes parecem ter sido projetados para serem usados com os olhos fechados: estreitos e com pouca luz natural, característica que contrasta com os amplos espaços comuns valorizados por Ruy em seu projeto, os quais estimulavam a convivência familiar e ofereciam um generoso espaço de trabalho para Tomie.

Inicialmente, Ruy concebeu um estúdio para Tomie na parte posterior da casa, adjacente ao seu próprio quarto, com o intuito de proporcionar um ambiente para sua produção

artística, com espaço suficiente para movimentação de mesas e cavaletes. O ambiente foi projetado para maximizar a entrada de luz natural, através de amplas esquadrias e domus na laje. Iluminadas pela luz natural do dia, as pinturas da artista foram influenciadas pela claridade externa da casa.

No início dos anos de 1980, o edifício passou por sua primeira reforma, inaugurando um importante espaço para receber o acervo de catálogos, livros e revistas da família. Além disso, Ricardo ganhou uma mesa para que pudesse trabalhar próximo aos livros e ao espaço que viria a abrigar seu quarto novo. Durante esse mesmo período, a artista produziu obras cada vez em maior escala, o que demandava ainda mais espaço, que viria a ser contemplado em um terceiro momento de expansão da casa no início dos anos 1990.

No miolo da quadra, o amplo jardim possibilita iluminação em vários ambientes da casa e mobiliza encontros de diversas naturezas ao redor da piscina. As irmãs Jane e Rosa Lima, que trabalham na residência desde os anos 2000, relatam que Tomie era talentosa com os arranjos de flores e passava muito tempo nessa área externa, apreciando o paisagismo tropical. O espaço é composto pelo colorido catavento da artista e obras de outros amigos, como Amílcar de Castro, Carlos Motta, Maurício Bentes, Nobuo Mitsunashi e Yutaka Toyota. A paisagem é, ainda, enriquecida pelas lanças de São Jorge,







1 O texto foi escrito a partir de entrevistas com pessoas que foram próximas à artista e à família. Agradecemos em especial a Ricardo Ohtake, Rodrigo Ohtake, Jane dos Santos Lima, Rosa Maria dos Santos Lima, Marcy Junqueira, Miguel Chaia e Kimi Nii.

presenteadas por Burle Marx, e pelo pé de limão japonês Yuzu – que, segundo Ricardo, deu todos os tipos de cítricos antes de oferecer o limão Yuzu.

A família mantinha a tradição dos almoços de domingo, inicialmente frequentados pelos três moradores, e que, mais tarde, passaram a incluir noras, netos e, ocasionalmente, amigos próximos. Marcy Junqueira, esposa de Ricardo, e Rodrigo e Elisa Ohtake, filhos de Ruy, lembram que os domingos costumavam ser passados em volta da mesa. Alternando entre a sala de jantar e o jardim, as refeições aconteciam em torno das grandes superfícies de concreto desenhadas por Ruy. Esses momentos começavam de manhã com palitinhos de queijo e se estendiam até o início da noite com o tradicional macarrão frio japonês. Marcy conta que, mesmo com a mesa cheia, a casa era um espaço de silêncio, oferecendo um ambiente propício à concentração e ao trabalho criativo.

Além de espaço de aconchego familiar e de labor, a Casa-ateliê é, ainda, uma espécie de galeria, expondo artistas que eram próximos à família ou admirados por Tomie. Caminhando pela casa, é possível reconhecer as obras de Alfredo Volpi, Kimi Nii, Lydia Okumura, Nicolas Vlavianos, Shoko Suzuki, entre tantos outros. O mobiliário também carregava a assinatura de nomes prestigiados, como Arne Jacobsen, Charlotte Perriand, Harry Bertoia, Le Corbusier e Sérgio Rodrigues.

A artista desfrutava de uma vida movimentada. Sua casa anterior, na Mooca, já era frequentada por importantes figuras das artes e da cultura. Com o passar dos anos e o crescimento da família, os Ohtake passaram a ter mais influência no cenário cultural, e a residência passou a ser visitada por renomados nomes. Personalidades como José Saramago, Pilar del Río, Walter Salles, Fernanda Montenegro, Yoko Ono, Kazuo Ohno, Robert Storr, León Ferrari, Ingo Maurer, Mario Botta, Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, Sérgio Ferro, Kazuyo Sejima, Ryue Nishizawa, Ismael Silva, Bob Wilson, Carmela Gross, Leda Catunda, Danilo Santos de Miranda e Candice Bergen foram algumas das ilustres visitas nacionais e internacionais. Além disso, Tomie recebia periodicamente um grupo de amigos artistas japoneses e nipo-brasileiros, em companhia de Vera e Miguel Chaia, amigos de longa data. A casa era um espaço de convivência calorosa, marcado pela presença marcante de Tomie, que, nas palavras de Nii, transformava o local em uma espécie de clube para esses amigos.

Aqueles próximos da família contam que sempre que Tomie percebia alguém entrar em seu ateliê, descia seu pincel, em sinal de respeito ao trabalho e à visita.





**Ruy Ohtake:
o olhar para uma
trajetória a partir
da habitação**

Ruy Ohtake teve uma produção longa e profícua, que se estendeu por mais de cinco décadas numa busca constante pela atualização de suas práticas, métodos e tecnologias de trabalho. De acordo com os registros do escritório Ohtake Arquitetura, foi responsável pelo projeto de aproximadamente 300 obras ao longo da vida. Entre públicas e particulares, abrangem edifícios residenciais, corporativos, hoteleiros, comerciais e de infraestrutura urbana. Mesmo que Ruy com frequência afirmasse que arquitetura é obra construída e deixasse de lado, em sua contagem, as propostas não executadas, é importante enfatizar também o impacto de experimentos que se desdobram em concretizações e que reforçam sua dedicação incansável à pesquisa.

Como é recorrente na trajetória de arquitetos, as primeiras encomendas profissionais de Ruy foram projetos residenciais. Vistos em conjunto, eles são exemplares da diversidade de soluções, implantações e organizações espaciais domésticas para clientes com interesses diversos. A Casa Rosa Okubo (1964) já anunciava algumas das posturas projetuais que Ruy desenvolveu ao longo de sua trajetória: a integração entre os espaços e o cuidado com a implantação do programa no lote. Com seus móveis de concreto e pé-direito baixo, o edifício trazia sensação de acolhimento e intimidade para a família que morou na Vila Mariana. Já na Casa-ateliê Tomie Ohtake, apresentada

nesta publicação, o programa doméstico com a necessidade de espaços de desenvolvimento profissional da artista resultou em um dos mais belos exemplares da escola paulista.

As duas casas mencionadas acima, juntamente com outras quatro projetadas pelo arquiteto,¹ foram tombadas em 2013 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp).² O tombamento das casas demonstra a importância da obra de Ruy Ohtake para o cenário arquitetônico e cultural da cidade de São Paulo nas primeiras décadas de sua trajetória. Mas, além daquelas identificadas e oficializadas pelo órgão municipal, existe uma quantidade grande de projetos residenciais desenvolvidos por ele para artistas, curadores e colecionadores, e que demonstram sua busca pela elaboração de uma arquitetura alinhada aos desafios de seu tempo.

Muitas dessas casas organizam seus espaços internos a partir de uma grande cobertura e da entrada de luzes que guiam os deslocamentos ou chamam atenção para pontos específicos da obra. Assim, permitem que as atividades organizem – ora isolando, ora integrando – seus usuários a partir da construção de volumes opacos e transparentes, de rasgos nas paredes internas, da forma e disposição inusitada de seu mobiliário. Isso pode ser observado em exemplares como a Casa Zuleika Halpern (2004), onde a sala de estar, de jantar e o jardim parecem







- 1 São elas: Casa Chiyo Hama (1867), Casa Nadir Zacharias (1970), Casa José Roberto Filippelli (1970) e Casa Paulo Bittencourt Filho (1972).
- 2 Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/04/residencias-RuyOhtake-conpresp.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

configurar a mesma área, ou na Casa Marcos Schwartzman (1981), com um programa disposto em vários andares integrados pelas aberturas do vazio central.

Em termos de produção para habitação multifamiliar, a proposta do Portal da Cidade (1986) garantiu a implantação de oito torres de 22 andares, no Morumbi. Nessa extensa área urbana, uma grande marquise oferece aos moradores áreas de convivência intensa com a presença de teatro, auditório, áreas esportivas, lanchonetes, entre outros. Se planejar esse complexo, que abriga quase 2 mil pessoas, mostrou-se um desafio interessante para propor a vida em coletividade, o projeto do Conjunto Residencial de Heliópolis (2009) intensificou o processo ao se aproximar de famílias de baixa renda para repensar espaços e rotinas conjuntamente. Foram desenhados prédios com 18 apartamentos de 50 m² a partir de plantas redondas, por isso apelidadas carinhosamente de “redondinhos” pelos moradores. Nos térreos das torres, implantaram-se apenas dois apartamentos, para que o restante da área fosse destinada ao convívio social dos vizinhos. Além disso, foram planejadas bibliotecas, escolas e quadras esportivas, assumindo a necessidade de pensar espaços coletivos para recreação, desenvolvimento pessoal e sociabilidade.

Essas experiências habitacionais demonstram que seus espaços são promovedores de sociabilidade, seja nas amplas e acolhedoras salas, muitas vezes integradas aos jardins, seja nas áreas de convivência comum onde encontros se realizam em meio a cores e formas intensas.





Tomie Ohtake
1913 — 2015

Nascida em Quioto, no Japão, Tomie chegou a São Paulo em 1936, acompanhada por seu irmão, para visitar outro irmão que já morava aqui. Apesar do plano inicial de ficarem por até dois anos, o aumento das tensões que antecederam a Segunda Guerra Mundial fez com que Tomie decidisse ficar no Brasil. Em 1937, casou-se com Ushio Ohtake – um amigo e colega de trabalho de seu irmão –, com quem teve dois filhos, Ruy Ohtake (1938–2021) e Ricardo Ohtake (1942), antes de se divorciar em 1961.

Em 1952, aos 39 anos, realizou suas primeiras pinturas, que expôs nesse mesmo ano

no II Salão Paulista de Arte Moderna. No ano seguinte, iniciou suas incursões abstratas e aproximou-se do grupo Seibi-kai, que reunia, desde 1935, artistas nipo-brasileiros para produzir, discutir e divulgar seus trabalhos, com forte ênfase na liberdade individual das produções. Em um grupo composto, em sua grande maioria, por homens – bem como por artistas do campo da abstração em geral –, Tomie Ohtake abriu, não sem resistências, um espaço no campo das artes brasileiras. Nessa primeira década de produção, participou de inúmeros salões e exposições coletivas; exibiu sua primeira mostra individual em 1957 no Museu de Arte Moderna de São Paulo; e, já em 1961, participou da 6ª Bienal Internacional de São Paulo.

A partir de 1960, o processo construtivo e projetual das pinturas passou a ser muito importante para Tomie. Selecionando texturas e cores de revistas, ela rasgava pequenos pedaços de papéis e criava composições em colagem que serviam de projeto para suas pinturas, nas quais, com tinta a óleo, se formavam blocos de cor de bordas irregulares. Na década seguinte, os recortes passaram a ser feitos com tesoura, tornando as bordas limpas e contínuas, o que, consequentemente, alterou suas pinturas. Nesse momento, Tomie também começou a explorar a gravura, resultando em uma grande produção de gravuras em metal e serigrafias. Foi também em 1970 que ela se mudou da casa onde morava na Mooca para a Casa-ateliê do Campo Belo.

A partir dos anos 1980, a pintura de Tomie Ohtake alterou-se com a adoção gradual da tinta acrílica, permitindo-lhe a sobreposição de camadas fluidas, com as quais construía um jogo de transparência e profundidade. Paralelamente à pintura, começou a produzir esculturas e obras públicas, muitas delas de grandíssima escala. Da mesma maneira que pensava suas pinturas projetualmente, essas obras também nasciam da construção de pequenas maquetes – em arame ou papel –, que eram posteriormente ampliadas por equipes de engenheiros. Esculturas em aço ou concreto, painéis de pastilhas coloridas ou grandes murais em empenas de edifícios, essas obras transformaram a sua relação com o espaço urbano e com o público, e a artista as produziu até o fim de sua vida.

Também seguiu pintando até os 101 anos de idade, com consecutivas novas experimentações e interesses que a levaram, na década de 2010, à sua última grande guinada, com a produção de luminosos monocromos. Poucos meses após concluir esse grupo de obras, faleceu, deixando-nos seu legado e comprometimento com a experimentação e a liberdade de criação que sempre generosamente compartilhou com todos que a rodeavam.

Aberto em 2001, o Instituto Tomie Ohtake carrega seu legado e seu compromisso com a experimentação e o diálogo com os mais diversos campos das artes, da arquitetura e do design.

Ruy Ohtake

1938 — 2021

Ruy Ohtake nasceu em São Paulo e graduou-se como arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) em 1960. Durante mais de seis décadas de atuação profissional, concebeu e executou obras nas mais diversas escalas: do design de objetos até a intervenção em grandes áreas urbanas. As centenas de projetos realizados com programas variados – residências unifamiliares, agências de empresas bancárias, de serviços públicos, edifícios de apartamento e de escritórios, espaços culturais e educacionais, além de obras infraestruturais e equipamentos públicos – demonstram sua preocupação constante com a criação de espaços de sociabilidade, a busca por tecnologias inovadoras, o cuidado com a plasticidade dos volumes, relevos e superfícies, e a presença de cores marcantes, a exemplo do Instituto Tomie Ohtake.

Entre seus projetos com dimensão urbana de grande porte, destacam-se o Parque Ecológico do Tietê (1975), a revitalização da favela de Heliópolis (2004) e o Expresso Tiradentes (2007), que atestam sua preocupação social. O arquiteto foi também presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) entre os anos de 1979 e 1982.

Ruy foi condecorado com o Colar de Ouro do Instituto de Arquitetos do Brasil, em 2007, além de ter recebido 25 prêmios. Obteve, ainda, os títulos de Professor Emérito da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Santos e de Professor Honoris Causa da Universidade Braz Cubas.

Ricardo Ohtake

1942

Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Ricardo Ohtake, durante 50 anos, teve escritórios de design gráfico com diferentes sócios e solo, cuja produção incluiu identidades visuais, atividades culturais e, principalmente, projetos editoriais e gráficos de livros de arte. Dentre os livros, destacam-se *Oscar Niemeyer* (1985 e 2007), *Tomie Ohtake* (1983 e 2001), *O livro do rio Tietê* (1991), entre outros. Foi diretor da ADG Brasil (Associação dos Designers Gráficos), encarregando-se dos seus programas culturais e contribuindo para o campo do design brasileiro e das atividades dos designers atuantes.

Foi professor de diversas faculdades de arquitetura, de comunicação e de artes plásticas entre 1968 e 1983. Ocupou cargos na administração pública, sendo o primeiro diretor do Centro Cultural São Paulo (1980–1983), além de diretor do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (1989–1991) e da Cinemateca Brasileira (1992–1993). Foi também secretário da Cultura do Estado de São Paulo (1993–1995) e secretário municipal do Verde e do Meio Ambiente (1998–2001), quando criou e deu início ao Atlas Ambiental do Município de São Paulo e realizou projetos de restauro dos parques da Luz e do Ibirapuera, entre outros.

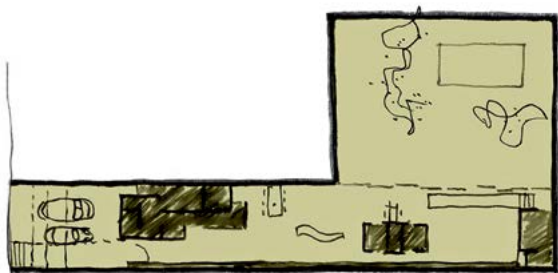
Foi curador do Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza (2010) e um dos curadores da exposição de arquitetura brasileira *Neun Neue* [Nove Novos], paralela à Feira do Livro de Frankfurt (2013). Ocupou a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, em 2017. Atualmente é presidente de honra da Associação Nacional das Entidades Culturais Não Lucrativas (ANEC). Fundou o Instituto Tomie Ohtake em 2001, onde atua como presidente e, desde 2023, como presidente do Conselho Administrativo.

A CASA FOI CONSTRUÍDA EM 3 ETAPAS, DISTANTES.

ETAPA DE
PROJETO

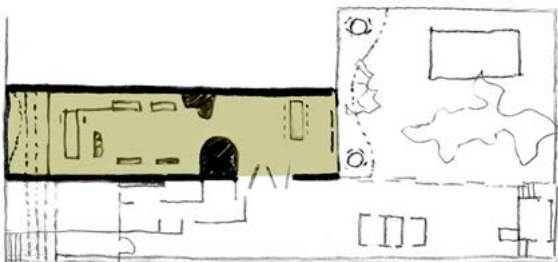
1ª

1966



ETAPA DE
PROJETO

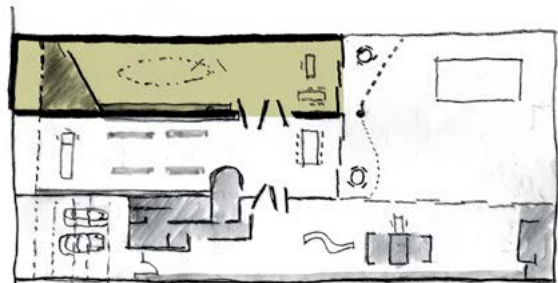
2ª

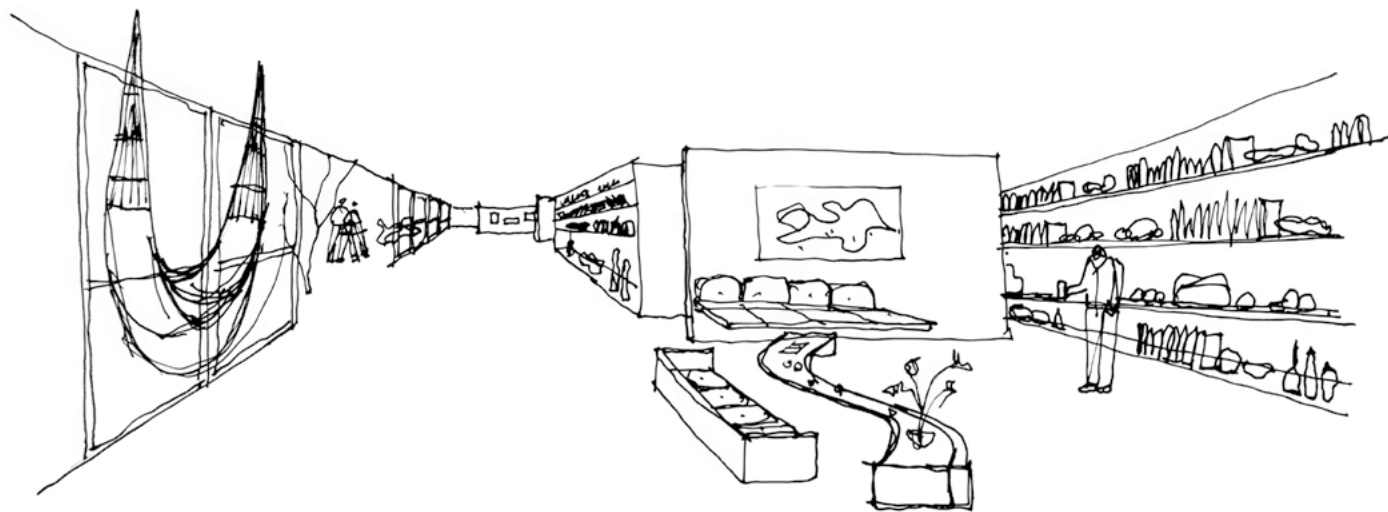


ETAPA
de PROJETO

3ª

1992





Referências bibliográficas

- CHAIA, Miguel. Tomie Ohtake: à procura da essência da arte. *Arte em São Paulo*, São Paulo, n. 7, maio, 1982.
- GUERRA, Abilio; SANTOS, Silvana Romano (Orgs.). *Ruy Ohtake, arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2021.
- HERKENHOFF, Paulo. *Pinturas cegas: Tomie Ohtake*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009; Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.
- HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: gesto e razão geométrica*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2014.
- HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake na Trama Espiritual da Arte Brasileira: Exposição Comemorativa dos 90 Anos da Artista*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2003.
- MACC (Museu de Arte Contemporânea de Campinas). Depoimento de Tomie Ohtake para o 10º Salão de Arte Contemporânea de Campinas – Arte no Brasil: Documento/Debate. Campinas, 1975. (Folheto).
- MENDONÇA, Casimiro Xavier. *Tomie Ohtake*. São Paulo: Ex Libris, 1983.
- MIYADA, Paulo. *Tomie Ohtake 100-101*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2015.
- MIYADA, Paulo; GOMES, Priscyla (Orgs.). *Tomie*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2022. (com textos de Paulo Miyada, Priscyla Gomes, Mário Pedrosa, Aracy Amaral, Agnaldo Farias, Miguel Chaia, Paulo Herkenhoff, Ana Paula Cavalcanti Simioni e Sofia Gotti).
- OHTAKE, Ricardo. *Tomie Ohtake: obras públicas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2013.
- OHTAKE, Ruy. *Arquitetura e a cidade*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009.
- PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. *Tomie Ohtake: pinturas novas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2011.
- RILEY, Terrence; CLEMENCE, Paul; KATINSKY, Julio; ANTUNES, Bianca. *Ruy Ohtake: arquitetura para pessoas*. São Paulo: APC, 2016.
- SEGRE, Roberto. *Ruy Ohtake: contemporaneidade da arquitetura brasileira*. São Paulo: ABCP, 1999.
- SPANUDIS, Theon. A pintura de Tomie Ohtake. *Habitat*, São Paulo, mar./abr., 1965.





English version

A house that welcomes the body with dimness. A place to live, work, share, and rest. A space constituted around a sunlit garden. A house built in the Campo Belo neighborhood, away from the areas where São Paulo's museums and cultural institutions concentrate. A shelter made for Tomie Ohtake, currently a repository of her memories.

We safeguard the future of the Tomie Ohtake House-studio by debating its purpose. We consider it to be a polyvalent heritage of the city of São Paulo: a significant work from the formative years of architect Ruy Ohtake, a place of daily activity for cultural manager Ricardo Ohtake, and especially the home of the labor and everyday life of artist Tomie Ohtake from 1970 to 2015.

To preserve this address, it should be inhabited by culture, art, encounters, and dynamic memories. Therefore, it is important to understand that this is an architecture designed to combine silent contemplation and creative vitality, able to host visits, conversations, exhibitions, workshops, and research – preferably with a diverse and transdisciplinary character. Thus, the historical heritage will increasingly be seen as a place of public interest. The Ohtake legacy, after all, is made of artistic inventiveness and collective sharing.

Gabriela Moulin
and Paulo Miyada
Instituto Tomie Ohtake

A PLACE TO CREATE AND LIVE

Sabrina Fontenele

In the Campo Belo neighborhood, in the South of São Paulo, stands the house where artist Tomie Ohtake lived for almost five decades. Designed in 1966 by the architect Ruy Ohtake, her eldest son, the building was conceived from the beginning as a space for the artist's experimentation and as a place to accommodate her production, studies, and interests, as well as the works of artists with whom she interacted. The residence shaped Tomie's creative

universe as it housed her studio and her space for storing books and objects.

The occupation of the house reveals the biography of its resident, similar to Frida Kahlo's Casa Azul [Blue House], Georgia O'Keeffe's Home and Studio, Lina Bo Bardi's Casa de Vidro [Glass House], Cora Coralina's House, and the homes of many other women whose remarkable life trajectories are expressed in their domestic, public, and professional routines. The paint marks on the studio floor, the study models in various scales and sizes, and the map cabinets filled with folders documenting her studies indicate aspects of Tomie's work processes – while the plants cultivated in the garden, as well as the photographs of gatherings, reveal some of her domestic habits.

Ruy's sketches demonstrate the need for a studio with workbenches, constant lighting and ventilation, and high ceilings to enable the broad bodily gestures that characterized her large-scale works. The design organizes a space for creation, experimentation, attempts, and discoveries with a wide range of materials. In an interview with Paola Menaldo,¹ Ruy Ohtake explains: "Tomie always had the studio as part of the house. I think it's a great advantage for artists, sculptors, writers, and musicians to work at home. Good spaces for creating and living." The large concrete sofa and the absence of isolating doors in the studio show that the individual workspace is understood as a place for exchanges and dialogues.

The Ohtake family moved into the newly constructed building in 1970. Before that, they lived in a house in Mooca. There, Tomie began painting at the age of 39, initially in an adapted space that often did not allow her enough distance to analyze larger canvases. People close to the artist recount that she used to leave the house to look at the living room from the front window, in order to gain enough distance to examine her work. In the new residence, the studio was carefully and appropriately constructed to accommodate the different scales of her work.

Tomie Ohtake's House-studio was built in three stages, expanding as neighboring plots were purchased. In its first phase (1970–1984), the dining and living rooms are

spacious, designed as intense social environments for the family. The living spaces are central to the spatial organization, what Ruy calls a “covered square,” understood as places for meetings and debates with a large part of São Paulo’s cultural and intellectual scene over the decades.

The residence was originally situated on a long lot connected to the middle of the block, forming an “L”-shaped plot. The concrete block walls are occupied by shelves filled with books, ceramics, canvases – traces of the residents’ lives.

The service area – bedroom, laundry, and kitchen – occupies a yellow volume that stands out at the house’s entrance. In the initial layout, the dining room was separated from this nucleus by a blue concrete wall that did not touch the ceiling slab, while a table was placed under a skylight that ensured natural light in the dining area. This area is directly connected to the living room, which is located near the fireplace and bathed in light from the garden.

São Paulo’s single-family houses were laboratories for modern domesticity experiments, in their aspects related to techniques, family sociability, and gender roles. The English historian Tim Benton, in his book *The Modernist Home*, questioned whether it was possible to have a modern home in a modern house, playing with the meaning of the similar words. Benton also hypothesizes that houses designed by modernist architects were not built for just anyone: “modernism was conceived in the image of a very particular type of person.”² Architects such as Paulo Mendes da Rocha, Abrahão Sanovicz, and Julio Katinsky also dared to design their own homes. None of these constructions proposed bedrooms as austere and monastic as those found in Tomie’s House-studio. The arrangement of the bedrooms suggests that any activities other than sleeping should be done outside the rooms – emphasizing the integration of spaces and the closeness among users.

The relationship between light and colors in the rooms is striking and suggests paths and discoveries. The concrete walls, like the glass of the entrance frame,

are painted with primary colors: yellow, red, and blue. The low ceiling height of this environment highlights the marked rhythm of the slender and tall transverse beams, separated by a mere 120 cm gap. The entrance to the house is initially darker, but as one walks in, with steps rhythmically following the modulation of the construction and perception sharpened by colors and semi-darkness, the light from the garden becomes noticeable, guiding movement through the house, stimulating the *promenade architecturale*, or architectural walk, as bodies move and the apprehended sensations vary. This light enters the artist’s studio, which is located at the back of the lot.

In the following decade, the family purchased the neighboring plot, allowing the house to expand: the kitchen was enlarged, the dining room moved to a larger space facing the garden, while an office and an extra bedroom were built to better accommodate the daily life of Ricardo Ohtake, Tomie’s youngest son, who spent part of the week with her. The third phase was characterized by the construction of a new studio in 1994. Ruy Ohtake worked with signs of continuity and rupture in relation to his original project. While the black concrete floor treatment remains consistent throughout the house and the openings with concrete surfaces indicate paths and passages from one sector to another, the metal roof of the new studio marks Ruy’s constant search for a contemporary language. The concrete – in the furniture, wall blocks, and ceiling slab – started to coexist with a skylight made of steel and glass that provides intense light in this workspace.

The concrete furniture – executed in sixty days with a thickness so thin it defied technical norms of the time – is closely related to the spatial organization of the house. Dining and work tables, benches, shelves, and sideboards are elegantly designed to occupy the rooms and are filled with objects that form a gallery which unfolds throughout the house.

Tomie Ohtake’s House-studio is a fundamental work in the history of Brazilian architecture. It represents modern ways of living, the work environments of a remarkable

artist, and a space for meetings and debates in the Brazilian and international cultural scene. The building received the IAB [Brazilian Institute of Architects] Award in 1971 for best project and was recognized as a heritage site of São Paulo by Municipal Council for the Preservation of the Historical, Cultural, and Environmental Heritage of the City of São Paulo (Conpresp), in 2013.

- 1 Interview by e-mail with Paola Menaldo in 2012. Document found in Ohtake Arquitetura’s collection.
- 2 BENTON, Tim. *The Modernist Home*. Londres: V & A Publishing, 2006. p. 16.

BETWEEN DINNERS AND GARDENS

Julia Cavazzini

Tomie Ohtake’s House-studio is, in the words of art critic and professor Miguel Chaia, a place of *mystery* and *warmth*. Planned in 1966 to serve both as a residence and to ensure a work environment for Tomie, the House-studio has become a reference in the history of architecture and art. It is impossible to describe Ruy Ohtake’s design without highlighting the distribution of private and communal spaces, the sculptural use of concrete, and the low, rhythmic ceilings. It is impossible to discuss the house without mentioning those who lived and visited there.¹

Designed for the three family members, the house first became inhabited in 1970: the artist lived in this space from age 57 until her death; Ruy stayed for three years; and Ricardo lived there for approximately 47 years. Upon visiting the house for the first time, the impression left by the bedrooms intended for the brothers stands out. These appear to be designed for use with closed eyes: narrow and with little natural light, a characteristic that contrasts with the large common areas emphasized by Ruy in his project, which encouraged family interaction and offered a generous workspace for Tomie.

Initially, Ruy conceived a studio for Tomie at the rear area of the house, adjacent to her own room, intending to

provide an environment for her artistic production with enough space for moving tables and easels. The space was designed to maximize natural light through large windows and skylights in the ceiling. Illuminated by natural daylight, the artist's paintings were influenced by the external brightness of the house.

In the early 1980s, the building underwent its first renovation, inaugurating an important space to house the family's collection of catalogs, books, and magazines. Additionally, Ricardo received a desk so he could work near the books and the space that would later accommodate his new bedroom. During this same period, the artist produced increasingly large works, which demanded even more space, eventually addressed in a third expansion phase of the house in the early 1990s.

In the middle of the block, the large garden provides lighting to multiple areas of the house and facilitates gatherings of various kinds around the pool. Sisters Jane and Rosa Lima, who have worked at the residence since the 2000s, recount that Tomie was talented with flower arrangements and spent much time in this outdoor area, enjoying the tropical landscape design. The space includes the artist's colorful pinwheel and works by other friends, such as Amílcar de Castro, Carlos Motta, Maurício Bentes, Nobuo Mitsunashi, and Yutaka Toyota. The landscape is further enriched by the cylindrical snake plants, given by Burle Marx, and the Japanese Yuzu lemon tree – which, according to Ricardo, produced all kinds of citrus fruits before actually yielding Yuzu ones.

The family maintained the tradition of Sunday lunches, initially attended by the three residents and later including daughters-in-law, grandchildren, and occasionally close friends. Marcy Junqueira, Ricardo's wife, and Rodrigo and Elisa Ohtake, Ruy's children, recall that Sundays were usually spent around the table. Alternating between the dining room and the garden, the meals took place around the large concrete surfaces designed by Ruy. These gatherings began in the morning with cheese sticks and extended into the early evening with traditional Japanese cold noodles. Marcy recounts that even with a

full table, the house was a space of silence, providing an environment favorable to concentration and creative work.

In addition to being a space of family comfort and work, the House-studio is also an art gallery, exhibiting works by artists who were close to the family or admired by Tomie. Walking through the house, one can recognize works by Alfredo Volpi, Kimi Nii, Lydia Okumura, Nicolas Vlavianos, Shoko Suzuki, among many others. The furniture also carried the signature of prestigious names such as Arne Jacobsen, Charlotte Perriand, Harry Bertoia, Le Corbusier, and Sérgio Rodrigues.

The artist enjoyed a busy life. Her previous house in Mooca was already frequented by important figures from the arts and cultural spheres. Over the years and with the family's growth, the Ohtakes gained more influence in the cultural scene, and the residence began to be visited by renowned individuals. Personalities such as José Saramago, Pilar del Río, Walter Salles, Fernanda Montenegro, Yoko Ono, Kazuo Ohno, Robert Storr, León Ferrari, Ingo Maurer, Mario Botta, Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, Sérgio Ferro, Kazuyo Sejima, Ryue Nishizawa, Ismael Silva, Bob Wilson, Carmela Gross, Leda Catunda, Danilo Santos de Miranda, and Candice Bergen were among the notable national and international visitors. Additionally, Tomie periodically hosted a group of Japanese and Japanese-Brazilian artist friends, accompanied by long-time friends Vera and Miguel Chaia. The house was a space of warm companionship, marked by Tomie's significant presence, which, in Nii's words, turned the place into a club for these friends.

Those close to the family recount that whenever Tomie noticed someone entering her studio, she would lower her brush as a sign of respect for the work and the visit.

1 The text was written based on interviews with people close to the artist and her family. Special thanks to Ricardo Ohtake, Rodrigo Ohtake, Jane dos Santos Lima, Rosa Maria dos Santos Lima, Marcy Junqueira, Miguel Chaia, and Kimi Nii.

RUY OHTAKE: LOOKING AT A JOURNEY THROUGH RESIDENTIAL ARCHITECTURE

Sabrina Fontenele

Ruy Ohtake's long-lasting and prolific career spanned over five decades, in a constant pursuit of updating his practices, methods, and work technologies. According to Ohtake Arquitetura's records, he was responsible for designing approximately 300 projects throughout his life. Encompassing public and private buildings, they include residential, corporate, hotel-related, commercial, and urban infrastructure constructions. While Ohtake often emphasized that architecture is about built work, leaving aside unexecuted proposals from his count, it is also important to highlight the impact of the experiments that unfolded into tangible outcomes, and which reinforce his tireless dedication to research.

As is common in the trajectories of architects, Ruy's first professional commissions were residential projects. Taken together, they exemplify the diversity of solutions, implementations, and domestic spatial organizations for clients with diverse interests. The Rosa Okubo House (1964) already announced some of the design attitudes that Ruy developed throughout his career: the integration between spaces and the care in implementing the program on the lot. With its concrete furniture and low ceiling, the building brought a sense of warmth and intimacy to the family that lived in Vila Mariana. On the other hand, in Tomie Ohtake's House-studio, featured in this publication, the domestic program with the need for spaces for the artist's professional development resulted in one of the most beautiful examples of the Paulista Brutalism.

The two houses mentioned above, along with four others designed by the architect,¹ were listed in 2013 by the Municipal Council for the Preservation of the Historical, Cultural, and Environmental Heritage of the City of São Paulo (Conpresp).² The listing of the houses demonstrates the importance of Ruy Ohtake's work for the architectural and cultural scene of the city of São Paulo in

the early stages of his career. However, beyond those identified and officialized by the municipal agency, there is a large number of residential projects developed by him for artists, curators, and collectors, which demonstrate his pursuit of developing an architecture aligned with the challenges of his time.

Many of these houses organize their internal spaces around a large roof and an entrance of light that guides movements or draws attention to specific points of the work. Thus, they allow activities to organize – sometimes isolating, sometimes integrating – their users from the construction of opaque and transparent volumes, openings in the internal walls, and the unusual shape and arrangement of their furniture. This can be observed in examples such as the Zuleika Halpern House (2004), where the living room, dining room, and garden seem to form the same area, or in the Marcos Schwartzman House (1981), with a program arranged on several floors which are integrated by the openings of the central void.

In terms of production for multi-family housing, the Portal da Cidade (1986) architectural proposal guaranteed the implementation of eight 22-story towers in Morumbi. In this extensive urban area, a large marquee offers to the residents areas of intense coexistence, with a theater, auditorium, sports areas, snack bars, among others. If planning this complex that houses almost 2,000 people proved to be an interesting challenge to propose life in collectivity, the design of the Heliópolis Residential Complex (2009) intensified the process by approaching low-income families to rethink spaces and routines together. Buildings with 18 apartments of 50 m² were designed from round plans, for which reason they were affectionately nicknamed “little round ones” [*redondinhos*] by the residents. On the ground floors of the towers, only two apartments were implemented, so that the remaining area could be used for social interaction between neighbors. In addition, libraries, schools, and sports courts were planned, assuming the need to think about collective spaces for recreation, personal development, and sociability.

These housing experiences demonstrate that his spaces promote sociability, whether through large and inviting living rooms, often integrated with gardens, or through the common living areas where encounters take place amidst intense colors and shapes.

- 1 Chiyo Hama House (1967), Nadir Zacharias House (1970), José Roberto Filippelli House (1970) and Paulo Bittencourt Filho House (1972).
- 2 Available in: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/04/residencias-RuyOhtake-conresp.pdf>. Access on: 15 jun. 2024.

TOMIE OHTAKE (1913–2015)

Born in Kyoto, Japan, Tomie Ohtake arrived in São Paulo in 1936, accompanied by her brother, to visit another brother who was already living here. Although the initial plan was to stay for up to two years, increasing tensions leading up to World War II made Tomie decide to remain in Brazil. In 1937, she married Ushio Ohtake – a friend and colleague of her brother – with whom she had two sons, Ruy Ohtake (1938–2021) and Ricardo Ohtake (1942), before divorcing in 1961.

In 1952, at the age of 39, she created her first paintings, which she exhibited that same year at the II São Paulo Salon of Modern Art. The following year, she began her abstract explorations and joined the Seibi-kai group, which had been gathering Japanese-Brazilian artists to produce, discuss, and promote their works since 1935, with a strong emphasis on individual freedom in their creations. In a group composed predominantly of men – as well as artists in the field of abstraction in general –, Tomie Ohtake carved out a space for herself in the Brazilian art scene, not without facing resistance. During this first decade of production, she participated in numerous salons and group exhibitions; she held her first solo exhibition in 1957 at the Museum of Modern Art of São Paulo; and, as early as 1961, she participated in the 6th São Paulo Art Biennial.

From 1960 onwards, the constructive and project-oriented process of the paintings became very important to Tomie. Selecting textures and colors from magazines, she tore small pieces of paper and created collages that served as drafts for her paintings, where irregularly edged blocks of color were formed in oil paint. In the following decade, the cutouts started to be made with scissors, making the edges clean and continuous, which consequently altered her paintings. At this time, Tomie also began exploring printmaking, resulting in a large production of metal engravings and serigraphs. It was also in 1970 that she moved from her house in Mooca to the House-studio in Campo Belo.

From the 1980s onwards, Tomie Ohtake's painting evolved with the gradual adoption of acrylic paint, allowing her to work with fluid layers, with which she created a play of transparency and depth. Parallel to painting, she began producing sculptures and public works, many of them on a grand scale. Just as she approached her paintings in a project-oriented manner, these works were also born from the construction of small models – in wire or paper – which were later enlarged by teams of engineers. Steel or concrete sculptures, panels of colored tiles, or large murals on building facades, these works transformed her relationship with urban space and the public, and she produced them until the end of her life.

She also continued painting until the age of 101, with successive new experiments and interests that led her, in the 2010s, to her last major shift, during which she produced luminous monochromes. A few months after completing this group of works, she passed away, leaving us her legacy and commitment to experimentation and the freedom of creation that she always generously shared with everyone around her.

Opened in 2001, Instituto Tomie Ohtake carries her legacy and commitment to experimentation and to dialogue with the most diverse fields of arts, architecture, and design.

RUY OHTAKE (1938–2021)

Ruy Ohtake was born in São Paulo and graduated as an architect and urban planner from the School of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP) in 1960. During more than six decades of professional activity, he was involved in the design and execution of works on various scales, ranging from object design to interventions in large urban areas. The hundreds of projects he completed within a variety of programs – single-family residences, bank branches, public service agencies, apartment and office buildings, cultural and educational spaces, as well as infrastructural works and public facilities – demonstrate his concern for creating spaces of sociability, his pursuit of innovative technologies, his attention to the plasticity of volumes, reliefs, and surfaces, and the presence of striking colors, exemplified by Instituto Tomie Ohtake.

Among his large-scale urban projects, Parque Ecológico do Tietê [Tietê Ecological Park] (1975), the revitalization of Heliópolis (2004), and Expresso Tiradentes [Tiradentes Express] (2007) stand out, attesting to his social concern. The architect also served as president of the Council for the Defense of Historical, Archaeological, Artistic, and Tourist Heritage of the State of São Paulo (Condephaat) from 1979 to 1982.

Ruy was awarded the Colar de Ouro [Gold Collar] by the Institute of Architects of Brazil in 2007 and received 25 other awards. He also held the titles of professor emeritus at the School of Architecture of the Catholic University of Santos and an *honoris causa* title at Universidade Braz Cubas.

RICARDO OHTAKE (1942)

Graduated from the School of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP), Ricardo Ohtake has run graphic design offices for 50 years, both with various partners and solo, whose production includes

visual identities, cultural activities, and primarily editorial and graphic projects for art books. Notable ones include *Oscar Niemeyer* (1985 and 2007), *Tomie Ohtake* (1983 and 2001), and *O livro do rio Tietê* [The Tietê River book] (1991), among others. He served as director of the Association of Graphic Designers (ADG Brasil), where he managed cultural programs and contributed to the field of Brazilian design and the enterprises of active designers.

Ricardo taught at several schools of architecture, communication, and visual arts between 1968 and 1983. He has held positions in public administration, being the first director of Centro Cultural São Paulo (1980–1983), as well as the director of Museu da Imagem e do Som de São Paulo (1989–1991) and Cinemateca Brasileira (1992–1993). He was also São Paulo's Secretary of State for Culture (1993–1995) and the Municipal Secretary for Green Areas and the Environment (1998–2001), where he created and initiated the Environmental Atlas of the Municipality of São Paulo and carried out restoration projects for the Luz and Ibirapuera parks, among others.

Ricardo was the curator for the Brazilian Pavilion at the Venice Architecture Biennale (2010) and one of the curators of the Brazilian architecture exhibition *Neun Neue* [New Nine], which ran parallel to the Frankfurt Book Fair (2013). He held the Olavo Setubal Chair of Art, Culture, and Science at the Institute of Advanced Studies of the University of São Paulo in 2017. Currently, he is the honorary president of the National Association of Non-Profit Cultural Entities (ANEC). He founded Instituto Tomie Ohtake in 2001, where he serves as president and, since 2023, as chairman of the Administrative Council.

BIBLIOGRAPHY AND REFERENCES

CHAIA, Miguel. *Tomie Ohtake: à procura da essência da arte. Arte em São Paulo*, São Paulo, n. 7, maio, 1982.
GUERRA, Abilio; SANTOS, Silvana Romano (Orgs.). *Ruy Ohtake, arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2021.
HERKENHOFF, Paulo. *Pinturas cegas*: Tomie

Ohtake. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009;
Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.
HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: gesto e razão geométrica*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2014.
HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake na Trama Espiritual da Arte Brasileira: Exposição Comemorativa dos 90 Anos da Artista*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2003.
MACC (Museu de Arte Contemporânea de Campinas). Depoimento de Tomie Ohtake para o 10º Salão de Arte Contemporânea de Campinas – Arte no Brasil: Documento/Debate. Campinas, 1975. (Folheto).
MENDONÇA, Casimiro Xavier. *Tomie Ohtake*. São Paulo: Ex Libris, 1983.
MIYADA, Paulo. *Tomie Ohtake 100-101*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2015.
MIYADA, Paulo; GOMES, Priscyla (Orgs.). *Tomie*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2022. (com textos de Paulo Miyada, Priscyla Gomes, Mário Pedrosa, Aracy Amaral, Agnaldo Farias, Miguel Chaia, Paulo Herkenhoff, Ana Paula Cavalcanti Simioni e Sofia Gotti).
OHTAKE, Ricardo. *Tomie Ohtake: obras públicas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2013.
OHTAKE, Ruy. *Arquitetura e a cidade*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009.
PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. *Tomie Ohtake: pinturas novas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2011.
RILEY, Terrence; CLEMENCE, Paul; KATINSKY, Julio; ANTUNES, Bianca. *Ruy Ohtake: arquitetura para pessoas*. São Paulo: APC, 2016.
SEGRE, Roberto. *Ruy Ohtake: contemporaneidade da arquitetura brasileira*. São Paulo: ABCP, 1999.
SPANUDIS, Theon. *A pintura de Tomie Ohtake. Habitat*, São Paulo, mar./abr., 1965.

**INSTITUTO
TOMIE OHTAKE**

**CONSELHO
DELIBERATIVO
ELECTED TRUSTEES
Ricardo Ohtake**

Presidente do Conselho e
Fundador do Instituto Tomie
*Ohtake Council Chairman and
Founder of Instituto Tomie
Ohtake*

**Renata Carvalho Beltrão C.
Biselli**

Vice-presidente do
Conselho *Council
Vice Chairman*

**Antonio de Souza
Corrêa Meyer**

**Aurea Leszczynski
Vieira Gonçalves
Clovis Hideaki Ikeda**

**Fernando Gomes
de Moraes**

**Fernando Shimidt
de Paula**

**Frances Reynolds
Inês Mindlin Lafer**

**João Roberto Vieira
da Costa**

**Liliane Cássia Rocha dos
Santos**

**Roberto Miranda
de Lima**

**Taís Wohlmuth Reis
Walter Appel**

**DIRETORIA
ESTATUTÁRIA
STATUTORY MANAGEMENT
Marcy Junqueira**

Presidente *Director President*
Rodrigo Ohtake
Vice-presidente
Director Vice-president

**DIRETORA EXECUTIVA
EXECUTIVE DIRECTOR
Gabriela Moulin**

**DIRETOR ARTÍSTICO
ARTISTIC DIRECTOR
Paulo Miyada**

**DIRETOR DE FINANÇAS
E OPERAÇÕES CFO AND
OPERATIONS DIRECTOR
Fábio Santiago**

**CONSELHO FISCAL
SUPERVISIONARY BOARD
Miguel Gutierrez
Patrícia Regina
Verderesi Schindler
Sérgio Massao Miyazaki**

**ASSOCIADOS ASSOCIATES
Antonio de Souza
Corrêa Meyer
Aurea Leszczynski
Vieira Gonçalves
Clovis Hideaki Ikeda
Fernando Gomes de Moraes
Fernando Shimidt de Paula
Flavia Buarque de Almeida
Frances Reynolds
Inês Mindlin Lafer
Jandaraci Ferreira
de Araujo
João Roberto Vieira
da Costa
Liliane Cássia Rocha
dos Santos
Marlui Nobrega Miranda
Renata Carvalho Beltrão
C. Biselli**

**Renata Vieira da Motta
Ricardo Ohtake
Roberto Miranda de Lima
Taís Wohlmuth Reis
Tito Enrique da Silva Neto
Walter Appel**

**DIRETORIA EXECUTIVA
EXECUTIVE BOARD
Gabriela Moulin**
Diretora Executiva
Executive Director
Fernanda Lima Beraldi
Gerente de Planejamento
Planning Manager
Maria de Fátima Rocha
Secretária Executiva
Executive Secretary

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS
E PROJETOS PARTNER-
SHIPS, FUNDRAISING
AND PROJECTS
Julia Bergamasco**
Gerente Executiva de
Captação e Projetos
*Fundraising and Projects
Executive Manager*
**Jéssica dos Santos
Gonçalves**

Analista Sênior de Captação
Pessoas Físicas *Senior Individual Fundraising Analyst*
**Luana Andréa Machado
Cavalcanti**
Analista de Projetos
Project Analyst
Paulo César Jr.
Assistente de Captação
de Recursos
Fundraising Assistant
Rafael Pinheiro
Desenvolvimento Institucional e Parcerias Internacionais
Institutional Development and International Partnership

**EDITORIAL E DESIGN
EDITORIAL AND DESIGN
Vitor Cesar Junior**
Superintendente de Design
Design Superintendent

Divina Prado
Especialista em Editoração
Editing Specialist
Felipe Carnevalli
Especialista em Editoração
Editing Specialist
Paula Lobato
Designer *Designer*

**COMUNICAÇÃO
COMMUNICATIONS
Amanda Sammour**
Gerente de Comunicação
Communications Manager
Amanda Dias de Almeida
Analista de Comunicação
Senior Senior Communication Analyst
Martim Pelisson
Assessor de Imprensa
Press Office
Ricardo Miyada
Audiovisual *Audio-visual*
**Sarah Lídice Alfenas
Moreira**
Estagiária *Intern*

**DIRETORIA ARTÍSTICA
ARTISTIC BOARD
Paulo Miyada**
Diretor Artístico
Artistic Director
Ana Roman
Superintendente Artística
Artistic Superintendent

**CURADORIA CURATORSHIP
Catalina Bergues**
**Julia Cavazzini
Sabrina Fontenele**

**PRODUÇÃO PRODUCTION
Carolina Pasinato**
Gerente de Produção
Production Manager

Nicole Plascak
Coordenadora de Produção
Production Coordinator
**André Bella
Pedro Lemme
Rodolfo Berbel
Victor Constantino**
Produtores *Producers*
Ligia Zilbersztejn
Arquiteta *Architect*

**EDUCAÇÃO EDUCATION
Lillian L'Abbate Kelian**
Superintendente de
Educação *Educational
Superintendent*
Claudio Rubino
Especialista em Educação e
Acessibilidade *Education and
Accessibility Specialist*
Mariana Galender
Coordenadora de Ação
Educativa *Educational
Actions Coordinator*
Mariana Per

Especialista em Educação e
Diversidade *Education and
Diversity Specialist*
Natame Diniz
Especialista em Educação
e Território *Education and
Territory Specialist*
Thamata Barbosa
Produtora *Producer*
**Andrea Lalli de Freitas
Guilherme Lima Fernandes
Kaya Fernanda Vallim
Maria Cecilia Lima**
Educadores *Educators*

**DIRETORIA FINANCEIRA
E OPERAÇÕES FINANCIAL
AND OPERATIONS BOARD
Fábio Santiago**
Diretor de Finanças e
Operações *CFO and
Operations Director*

**FINANCEIRO FINANCIAL
Carlito Oliveira Junior**
Coordenador Financeiro
Financial Coordinator
Willian dos Santos
Analista Financeiro
Financial Analyst
Tarcísio da Costa Barbosa
Estagiário *Intern*

**RECURSOS HUMANOS
HUMAN RESOURCES
Tatiane Romani**
Analista de Recursos Humanos
*Human
Resources Analyst*
Vitória Gomes
Estagiária *Intern*

**JURÍDICO LEGAL
Escritório BS&A
Mei Lian Suzin Jou**
Advogada *Attorney*
Sofia Cavalcante
Estagiária *Intern*

**OPERACIONAL
OPERATIONS
Marcos Sutani**
Coordenador *Coordinator*
Samuel Luiz Costa Sena
Supervisor - Terceirizado
Supervisor - Outsourced

APOIO SECURITY

Alessandro Nóbrega
de Oliveira

Cristiane Aparecida Santos

Dara Amorim Silva de Lima

Terceirizada *Outsourced*

Elza Martins

Fabio Antonio de Araújo

Francisca Maria Nunes

da Silva Terceirizada

Outsourced

Gilliard Gabriel da Silva

Terceirizado *Outsourced*

Grace Dias dos Santos

Terceirizada *Outsourced*

Jonas Pires Gomes Costa

Marcelo Mariano

Margarete Oliveira

Marleide Soares da Costa

Terceirizada *Outsourced*

Tainara de Jesus Veloso

Vandoclecio Vicente

de Araújo

Wilson Salustiano Silva

Terceirizado *Outsourced*

LIMPEZA CLEANING

Ana Paula da Silva

Terceirizada *Outsourced*

Jairo do Nascimento

Maria de Fátima Monteiro

Moura Terceirizada

Outsourced

Sebastião Alves Silva

MANUTENÇÃO TÉCNICA

MAINTENANCE

Adilson Oliveira da Silva

Jacildo Antonio de Paula

Luis Carlos Ferreira

Terceirizada *Outsourced*

ZELADORIA

BUILDING MAINTENANCE

Valdir Ramos da Silva

ANALISTA DE TI

INFORMATION

TECHNOLOGY

Wesley Pereira

CASA-ATELÊ

TOMIE OHTAKE

Edição *Edition*

Instituto Tomie Ohtake

Organização *Organization*

Paulo Miyada

Sabrina Fontenele

Coordenação Editorial

Editorial Coordination

Ana Roman

Sabrina Fontenele

Textos *Texts*

Catalina Bergues

Gabriela Moulin

Julia Cavazzini

Paulo Miyada

Sabrina Fontenele

Revisão *Proofreading*

Isabela Maia

Divina Prado

Tradução *Translation*

Isabela Maia

Projeto Gráfico

Graphic Design

Felipe Carnevalli

Paula Lobato

Vitor Cesar

Pesquisa de Imagens

Images Research

Julia Cavazzini

Sabrina Fontenele

Licenciamento de Imagens

Image Licensing

Carolina Pasinato

Agradecimentos

Acknowledgments

Carolina De Angelis

Claudia Moreira Salles

Cristiano Mascaro

Filipe Almeida de Assis

Jane Lima

José Carlos Pezybyn

Kiki Mazzuchelli

Kimi Nii

Lydia de Santes

Marcy Junqueira

Mauro Restiffe

Miguel Chaia

Ricardo Ohtake

Rodrigo Ohtake

Rosa Lima

Galeria Nara Roesler

Tiragem *Print run*

3.000 exemplares

Impressão *Printing*

Ipsis

Papéis *Papers*

Supremo 250g e

Couché Fosco 150g

Tipografias *Typography*

Chromatic Pro

ISBN

978-65-89342-42-7

Imagens *Images*

Acervo Ohtake

Ohtake collection

p. 09, 14, 18, 20, 23, 26,

39 e 40

Desenhos de

drawings by **Ruy Ohtake**

p. 36 e 37

Cristiano Mascaro

p. 1, 2, 4, 5, 22, 27, 30

e quarta capa

Mauro Restiffe

p. 11, 15, 19, 22, 27, 30

e capa

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui expostas e publicadas, além das pessoas fotografadas. Caso alguém se reconheça ou identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br.

Instituto Tomie Ohtake made every effort to find the holders of copyrights on the photographed images/ artworks published here. If you identify yourself or some work of your authorship, please contact us by email: instituto@institutotomieohtake.org.br.

© Instituto Tomie Ohtake
INSTITUTO TOMIE OHTAKE
Complexo Aché Cultural
Rua Coropés, 88 – 05426-010
Pinheiros – São Paulo
(11) 2245-1900
www.institutotomieohtake.org.br
instituto@institutotomieohtake.org.br
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Casa-ateliê Tomie Ohtake / [textos/texts Catalina Bergues...[et al.] ; organização/organization Sabrina Fontenele, Paulo Miyada ; coordenação editorial Sabrina Fontenele, Ana Roman ; tradução/translation Isabela Maia. -- São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2024.

Outros autores: Gabriela Moulin, Julia Cavazzini, Paulo Miyada, Sabrina Fontenele.
Vários colaboradores.
Título original: Tomie Ohtake House-studio.
ISBN 978-65-89342-42-7

1. Arquitetura 2. Artes plásticas - Exposições - Catálogos 3. Desenhos 4. Fotografias 5. Relatos
I. Bergues, Catalina. II. Moulin, Gabriela.
III. Cavazzini, Julia. IV. Miyada, Paulo.
V. Fontenele, Sabrina. VI. Miyada, Paulo.
VII. Roman, Ana.

24-215502

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Realização

Apoio

INSTITUTO **TOMIE OHTAKE**

| nara roesler |



Ruy Ohtake

1966

1982

1996

978-65-89342-42-7



INSTITUTO **TOMIE OHTAKE**